

# Conexão Virtu@l Etnomatemática

CHAMADA



RedINET-Brasil



Olá, RedINET-Brasil!

**Chamada para submissão de biografias** a serem divulgadas no **Boletim RedINET-Brasil**, como parte do projeto **Conexão virtu@l** dos pesquisadores em Etnomatemática do Brasil.

**Objetivo:** criar conexões e uma grande network de pesquisadores que atuam com a Etnomatemática.

**Expectativa:** maior comunicação/interação/intercâmbio entre pesquisadores do Brasil e do mundo com a divulgação das pesquisas, contatos e redes sociais.

**Quem pode submeter?** Pesquisadores brasileiros, residentes ou não no país, e estrangeiros com algum vínculo no país, que atuem com a Etnomatemática.

**Interessou-se e quer submeter?**

1. Prepare um arquivo com seu nome, e uma breve biografia de escrita livre, com e-mail. O arquivo deve estar em .doc, .docx ou .odt e ter 35 linhas no máximo de texto justificado com espaçamento 1,15 em fonte Arial. Ao final da biografia, poderá deixar contatos para divulgação com a comunidade científica, como 'username' de Twitter, Facebook, Instagram, LinkedIn, Google Scholar, Orcid ou Lattes (tudo incluído nas 35 linhas).

2. Escolha uma foto de perfil com boa resolução.

3. Envie o artigo e a foto de perfil escolhida para o e-mail etnomatematicas.brasis@gmail.com.

**Quando será divulgada a biografia?** A publicação estará condicionada à aprovação e disponibilidade da coordenação de cada uma das cinco regiões, em virtude do limite bimestral de biografias.

Esperamos sua colaboração e participação,  
Equipe Editorial Boletim RedINET-Brasil  
Coordenação RedINET-Brasil  
Comunidade EtnoMatemáticas Brasis

# Ana Paula Purcina Baumann



Conexão Virtu@l Etnomatemática



ana.baumann@ufg.br



@aninha\_purcina



62- 981817-8779



RedINET-Brasil



Olá, prezadas e prezados leitores, me chamo Ana Paula Purcina Baumann, sou goiana, nascida em Catalão e atualmente moro na cidade de Goiânia. Sou mãe da Isadora de 10 anos, da Verena de 7 anos e da Pérola de 4 anos, meus orgulhos e minhas razões de viver.

Atuo como professora da Universidade Federal de Goiás (UFG), como docente efetiva, lotada no Instituto de Matemática e Estatística (IME/UFG), desde o ano de 2016. Componho o colegiado de professores do Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena (NTFSI/UFG), lecionando no curso de Educação Intercultural, na área de Ciências da Natureza e Matemática, além de esporadicamente ministrar disciplinas e orientar estágios e TCC no curso de Licenciatura em Matemática.

Em 2016 minha vida profissional deu uma guinada completamente diferente daquilo que vinha construindo em meu processo formativo, mas que foi a melhor virada que eu poderia ter escolhido e me acontecido. Contarei um pouco... Me graduei em Matemática, Licenciatura, (UFG/ Campus de Catalão – 2000/2003). Fiz Mestrado em Educação Matemática (Unesp, Rio Claro – SP – 2007/2009) e Doutorado em Educação Matemática (Unesp, Rio Claro – SP – 2009/2013) ambos sob a orientação da Professora Dra. Maria Aparecida Viggiani Bicudo e trabalhando com formação do professor de matemática.

Assim, mesmo não pesquisando no mestrado e doutorado em Etnomatemática, em 2016 escolho mudar o rumo da minha carreira acadêmica e hoje atuo nesta área com ensino, pesquisa e extensão dentro da UFG. Sou membro do grupo de pesquisa MATEMA, coordenado pelos Professores José Pedro Machado Ribeiro e Rogério Ferreira. Coordeno o projeto de pesquisa intitulado “Sistema de numeração dos povos indígenas no Brasil: um estado da arte”, orientando iniciações científicas dentro dele. Sou coordenadora, desde 2017, do Comitê Bororo, orientando e acompanhando os estudantes deste povo, em seus estágios e projetos de pesquisas, que intitulamos “Projeto de Extensão Extraescolar”, e já atuei também, em 2016 e parte de 2017, na orientação do comitê Krikati e Canela. Estou coordenadora de Extensão do NTFSI e atuei como vice coordenadora do curso de 2018 a 2020.

Assim, estou há 7 anos trabalhando com formação de professores indígenas e envolvida completamente com a temática indígena, em projetos, ações, movimentos etc. e isto tem sido uma alegria muito grande, tanto profissionalmente, quanto pessoalmente.

# Cintia Vieira de Paz dos Santos



Conexão Virtu@l Etnomatemática

 danyecintia@gmail.com

 <https://bit.ly/3gnnA7q>

 [www.youtube.com/channel/UCT7B8lO4GMvAQiiHdFkf9fg](http://www.youtube.com/channel/UCT7B8lO4GMvAQiiHdFkf9fg)



Caros leitores, quando ainda aluna normalista japeriense, um questionamento continuamente pairava em minha mente: “de que maneira poderia contribuir com a formação dos estudantes de forma significativa? Sendo Freire a minha referência, sempre defendendo: “A teoria sem a prática vira 'verbalismo', assim como a prática sem teoria, vira ativismo” (1996).

Buscando experiências na área de educação, com a finalidade de explorar novos conhecimentos na prática de ensino, de forma diferenciada, facilitadora e significativa, pude começar a responder tal inquietação, quando me tornei professora regente no município de Japeri- RJ, tendo a oportunidade de desenvolver trabalhos abarcando os saberes que emergiam práticas de acordo com a realidade cultural dos estudantes, em que a teoria era finalizada com a prática, oportunizando ao estudante ter uma visão real do conteúdo.

Em 2007 concluí a graduação em matemática, defendendo o projeto intitulado “O ensino da matemática e o letramento para uma aprendizagem significativa”, orientada pela prof. Dra. Gisela Pinto, onde foi possível dar continuidade na prática com o corpo docente e discente, na escola que administrei entre 2005 e 2011, norteados pelo PPP voltado pelo resgate cultural do bairro, diversidade e o letramento. Em 2008 tive minha inserção no Curso de Especialização em gestão escolar- UFRJ, possibilitando me qualificar para combater a defasagem escolar e trazer uma aprendizagem significativa aos alunos daquela comunidade.

Ao cursar a pós-graduação em Novas Tecnologias no Ensino da Matemática - UFF, que conheci a etnomatemática, através de uma disciplina, na qual me deparei com os escritos de D'Ambrosio, sendo assim um referencial em minha carreira profissional. Em 2020 me tornei oficialmente uma professora pesquisadora em etnomatemática, quando me inseri ao mestrado pelo Programa de Pós-graduação em Educação Agrícola - UFRRJ, sob a orientação dos professores Dr. José Linhares e Dra. Sandra Mattos, juntos construímos o projeto intitulado “O uso da etnomatemática com hortas didáticas em escolas do município de Japeri - RJ”, me tornando mestre em Educação Agrícola.

Por meio da pesquisa pude confirmar que é possível aprender quando se utiliza uma proposta de intervenção pedagógica com etnomatemática por meio de horta didática, proporcionando aos discentes uma aprendizagem significativa, quando se trabalha a matemática escolar por meio da realidade cultural do aluno.

Sou professora pesquisadora Cintia Vieira, membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Etnomatemática e Cultura (Gepec/UFRRJ) e do Grupo Internacional de Pesquisa Educação em Fronteiras (EmF/UFF), docente da Secretaria Municipal de Educação de Japeri. Podem contar comigo na linha de pesquisa voltada para etnomatemática, currículo de matemática, educação do campo e afetividade, aos interessados será um grande prazer o seu contato!

## Eulina Coutinho S. do Nascimento



eulinacoutinhosilva@gmail.com



RedINET-Brasil



Saudações! Me chamo Eulina Nascimento, sou graduada em Licenciatura em Ciências, habilitação em Matemática pela UFRRJ, Mestre em Matemática Pura pelo Instituto de Matemática da UFRRJ e doutora em Engenharia de Sistemas e Computação pela COPPE/UFRJ. Minha trajetória de formação foi bastante diversificada. Atuei na rede pública estadual do RJ por seis anos onde lecionei em todos os anos do Ensino Fundamental e Médio. Sempre tive como proposta pessoal de ensino me esforçar para que minhas aulas fossem desmistificadoras, que meus alunos não vissem a matemática como uma inimiga mas como uma ferramenta para auxiliar suas vidas. Sempre procurei buscar mecanismos que pudessem tornar minhas aulas mais interessantes para o aluno, sem perder de vista suas realidades e necessidades. Fiz concurso para a vaga de professor auxiliar do Departamento de matemática da UFRRJ, onde sou professora desde abril de 1991. Em 1992 concluí o Mestrado, ano que participei com uma comunicação oral no IV ENEM, que aconteceu na cidade de Blumenau-SC. Este evento foi para mim um marco, pois foi onde e quando conheci os professores Paulus Gerdes e Ubiratan D'Ambrosio. Fiquei muito impactada com as palestras de abertura e encerramento, respectivamente, proferidas por eles. No doutorado trabalhei com controle ótimo estocástico. Os resultados da minha tese de doutorado foram apresentados e publicados no 39th IEEE Conference on Decision and Control- CDC, que ocorreu em Sidney em 2000. De volta à Universidade Rural, assumi vários cargos entre coordenação de curso e chefia além de pesada carga horária. Em 2006 fui convidada a participar como colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola - PPGEA, onde hoje sou membro permanente. Foi a partir deste convite para atuar na Pós-Graduação que me reencontrei com a Etnomatemática que conheci em 1992, iniciando meus estudos nesta área com os livros do professor Ubiratan D'Ambrosio, Eduardo Sebastiani Ferreira e Paulus Gerdes. Atualmente tenho a Etnomatemática como minha principal área de pesquisa. Selei em 2010 minha primeira orientação de fato no PPGEA em Etnomatemática. Em 2022 me tornei professora titular do Departamento de Matemática da UFRRJ, participo também desde 2012 como membro permanente do Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional-PROFMAT, onde fui vice-coordenadora. Sou membro do Grupo de Estudos e pesquisa em Etnomatemática e Cultura - GEPEC, cujos líderes são Sandra Mattos e José Roberto Linhares de Mattos, pesquisadores os quais desenvolvo vários trabalhos. Sou líder desde 2022 do Grupo de Estudos em Ensino de Matemática, Saberes Culturais e Inclusão, homologado pela UFRRJ cuja vice-líder é a professora Aline Maurício. Minhas pesquisas são fortemente influenciadas por Ubiratan D'Ambrosio, no que tange à Etnomatemática, uma educação libertadora como pregava Paulo Freire, aprendizagem significativa de Ausubel e mais recentemente a dimensão afetiva de Sandra Mattos, que teve sua validação principalmente pelo pai da Etnomatemática o professor D'Ambrosio.

Rio de Janeiro, março de 2023.

## Gabriela Rodrigues Conrado



 gabriela.conrado@ifpb.edu.br

Olá! Me chamo Gabriela, sou gaúcha, natural de Caçapava do Sul, uma cidade pequena e charmosa dos pampas. Neste texto para a Conexão Virtual Etnomatemática, relato um pouco da minha trajetória como docente e pesquisadora.

Antes de iniciar o curso de licenciatura imaginava que as ações dos professores em relação aos estudantes deveriam ser pautadas pela garantia do silêncio em aula - assim, supostamente, a turma poderia aprender melhor; e por práticas que evitassem aproximações e afetividades, a fim de manter imparcialidade e neutralidade. Essas imagens elaboradas por mim da relação professor-aluno refletiam, em certa medida, as experiências vivenciadas enquanto estudante.

Hoje, tenho buscado construir uma história diferente daquela que marcou minha vida estudantil.

Conhecer e estudar sobre a Etnomatemática, desde a graduação, mostrou-me a relevância de produzir uma prática docente de maneira mais engajada com a realidade da escola e dos estudantes. Como pesquisadora, tenho podido reconhecer e valorizar multiplicidade de práticas matemáticas. Na pesquisa de mestrado, realizada com estudantes da periferia, a Etnomatemática sustentou teoricamente as investigações e as ações em sala de aula. Atualmente, estou doutoranda em Educação em Ciências e Matemática pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), pesquisando sobre currículo e relações de poder, e atuo como professora do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), o que tem me possibilitado conhecer e aprender sobre cultura paraibana.

[researchgate.net/profile/Gabriela-Conrado](https://researchgate.net/profile/Gabriela-Conrado)



RedINET-Brasil

EtnoMatemáticas  
Brasis

## Gilmar Bezerra de Lima



Meu nome é Gilmar Bezerra de Lima e sou natural de Taquaritinga do Norte – PE. Estudei toda a educação básica em escolas públicas e, nessa fase, já me questionava sobre a importância da matemática estudada na escola para a vivência social, não encontrando muita conexão entre os conteúdos e o meu cotidiano, apesar de crescer em um universo de confecção de roupas, além de vivenciar períodos na zona rural, sendo, portanto, tal cotidiano recheado de possibilidades para tal conexão.

Foi no Ensino Médio que o desejo de ser professor nasceu e em 2003 adentrei a faculdade desejoso de iniciar tal carreira. Nos anos subsequentes, minha relação com a sala de aula foi explicitando que nossa prática docente não se diferia muito das experiências que vivenciara como aluno, resultando em um ensino mais preocupado com conteúdos, fórmulas e provas exaustivas. Foi em 2014 que me deparei com a Educação de Jovens e Adultos, onde o desejo de contribuir com a formação escolar nesse âmbito, me obrigou a repensar a prática. Com um público envolvido com confecção de roupas, comecei a ensaiar as primeiras aulas de matemática a partir desse universo profissional. Logo, os primeiros livros de D'Ambrosio chegaram às minhas mãos. As leituras até hoje me inquietam, motivam e me levam a sonhar com um ensino, não só de matemática, que respeite os saberes prévios, dialogue com o contexto social e proponha uma investigação em sala de aula que leve o aluno a perceber a matemática, de forma perene, como um produto das ações e inquietações humanas, tendo por base uma formação para o exercício da cidadania como algo precípuo da prática docente.

Hoje, doutorando pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), vejo na Etnomatemática um caminho sedimentado para concretizar o que desejo para minha prática docente, a saber, levar o aluno a construir sua cosmovisão a partir de uma visão holística da matemática, por isso, a Etnomatemática vem sendo nosso objeto de estudo.

## John Fossa



jfossa@servidor.uepb.edu.br



Sou John Fossa. Me chamam de Fossa porque, acredito, acham difícil pronunciar John. Meus avôs paternos tinham o respeitado sobrenome italiano de Fossà, mas o acento foi perdido quando emigraram para os USA. Mesmo assim, não fico na fossa. Fiz filosofia na College of the Holy Cross (Worcester) e mestrado em filosofia da ciência em Fordham University (New York City). Embora essa bagagem estivesse bastante leve, ao vir para Brasil (Natal), consegui ensinar na UFRN e, depois, na UFPB. Desde pequeno, gostava da matemática e, quando minha instrução formal sobre a mesma terminou, continuei a estudá-la de forma autodidata, inclusive fazendo pesquisas sobre a História da Matemática, o que me levou de volta à UFRN para assumir essa disciplina. Logrei incorporar um pouco mais a minha bagagem com um doutorado em Educação Matemática (Texas A&M University, College Station) sobre o construtivismo radical e posteriormente desenvolvi um modelo de ensino baseado em atividades construtivistas informadas pela História. Vários dos meus orientandos têm contribuído ao modelo nas suas teses e dissertações. Ao me aposentar, embarquei em novas aventuras na UEPB (Campina Grande).

Ao contrário de vários pensadores, considero a Etnomatemática uma parte integral da História da Matemática e isso, junto com uma visão da matemática como um produto cultural do homem, me levou à Etnomatemática. Tive a grande felicidade de ser encorajado nos meus estudos sobre a mesma por, entre outros, dois grandes etnomatemáticos brasileiros, Ubiratan D'Ambrosio e Eduardo Sebastiani Ferreira, embora devo confessar que algumas das minhas ideias foram, para eles, motivo de exasperação. Penso, por exemplo, que quem, ao investigar um grupo cultural, faz a matemática, não faz a Etnomatemática. Em qualquer caso, orientei várias teses e dissertações que resgatavam conhecimentos etnomatemáticos e os aplicavam na sala de aula. Também desenvolvi um modelo em que a etnomatemática de uma comunidade serviria como base para uma cooperativa com o intuito de constituir uma comunidade sustentável. Isto também veio a ser uma tese sob a minha direção. Acredito, porém, que essa ideia ainda merece maiores aprofundamentos.

## Ketlin Kroetz



Olá! Me chamo Ketlin. Sou licenciada em Matemática pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Fiz mestrado em Educação em Ciências e Matemática, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, momento em que tive meu primeiro contato com a Etnomatemática no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Etnomatemática (GEPEUCRS). Na ocasião do mestrado, no grupo de pesquisa, discutíamos textos de D'Ambrosio, Ferreira, Ascher, Knijnik, entre outros autores que se destacavam. Minha pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de identificar e compreender os processos de geração, organização e difusão dos saberes de três colonos descendentes de alemães residentes na região do Vale do Rio dos Sinos, município de Santa Maria do Herval, Rio Grande do Sul. Os aportes teóricos que serviram como alicerce naquele momento foram configurados em dois eixos principais: poder e disciplinamento do corpo com base nos estudos de Michel Foucault; Etnomatemática, fundamentada nas pesquisas de D'Ambrosio (1996, 1998, 2001, 2004, 2005) e Knijnik (1996, 2004, 2007, 2008, 2009). Realizei entrevistas tomando como referência a época de escolarização dos sujeitos entrevistados, bem como de seus saberes utilizados em suas atividades laborais. Publiquei artigos e apresentei trabalhos em eventos, tomando como partido um olhar mais pós-estruturalista e utilizando, inclusive, o pensamento de Wittgenstein para discutir a etnomatemática. Na ocasião do mestrado, percebi que muitos jovens estavam parando de estudar e não queriam mais continuar naquela pequena cidade. Isso me levou a estudar a evasão escolar. Assim, no doutorado, problematizei as tecnologias de governo postas em ação para reduzir índices de evasão escolar na Educação Básica. Fundamentada nos aportes teóricos de Michel Foucault, a ferramenta analítica colocada em ação foi a noção de governamentalidade, conceito elaborado pelo filósofo no final da década de 1970. Identifiquei, na pesquisa, cinco unidades analíticas: (I) flexibilização como princípio pedagógico; (II) estatística como um instrumento de validação; (III) cooperação como imperativo para manter todos na escola; (IV) compensação como uma estratégia de integração; (V) responsabilização como produtora de culpa. Desse modo, posso dizer que mesmo tendo 'deixado' a abordagem da etnomatemática, foi ela que me levou à temática abordada no doutorado. Atualmente, atuo como professora substituta no Instituto Federal Sul-rio-grandense e continuo lançando um olhar crítico sobre a educação e a educação em ciências e matemática. Crítico no sentido de mostrar que as coisas não são tão evidentes quanto parecem ser. Também integro o Grupo de Pesquisa em Educação: currículo, cultura e contemporaneidade (GPECCC) e o Grupo de Estudos Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia (GPECAF). Tenho interesse na área de Educação, Educação em Ciências e Matemática e Filosofia Contemporânea, me ocupando de estudos que envolvem a governamentalidade, o neoliberalismo e a educação, os processos de subjetivação e o currículo. Ainda me aventuro nas escritas envolvendo etnomatemática, afinal, foi ela que "abriu meus olhos" e me fez navegar em outros temas, estudos e autores, na certeza de que estou apenas no início dessa caminhada.



ketlin.kroetz@acad.pucrs.br



<http://lattes.cnpq.br/0390427253445059>



RedINET-Brasil

EtnoMatemáticas  
Brásis

## Rodrigo Brasil Castro



 rbra.castro@gmail.com



RedINET-Brasil



Olá prezados/as leitores/as, me chamo Rodrigo Brasil Castro, amazonense, licenciado em Matemática e mestre em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Educação (Faced), ambos realizados na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). No campo da pesquisa, atuo nas áreas de Educação Matemática em contextos de Diversidade Sociocultural, Etnomatemática, Trabalho Colaborativo e Práticas Investigativas em Educação Matemática; como também, membro do Grupo de Estudos e Pesquisas de Práticas Investigativas em Educação Matemática (GEPIMat)/UFAM/CNPq, nas quais realizamos atividades em meio as Práticas Investigativas em Educação Matemática (PIEM). Nessa direção, promovemos ações tanto práticas (oficinas pedagógicas) e teóricas (publicações de artigos em periódicos qualificados, livros e capítulos de livros), assim como na divulgação das nossas atividades em eventos locais, nacionais e internacionais. Desse processo formativo e constitutivo, destaco a minha pesquisa de mestrado, a qual investiga as potencialidades do Trabalho Colaborativo em torno das PIEM's desenvolvidas no Curso de Licenciatura em Formação de Professores Indígenas (FPI)/Faced/UFAM. Esse é o primeiro estudo no âmbito do PPGE/Faced/UFAM, realizado na área de Ciências Exatas e Biológicas com os povos indígenas da região Alto Rio Negro/AM. Atualmente, estamos desenvolvendo em parceria com a Universidade Federal do Pará (UFPA) e com a Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), o projeto de pesquisa intitulado "Práticas Investigativas em Educação Matemática como cenário de trabalho colaborativo nas ações dos professores indígenas da região do Alto Rio Negro/AM" objeto da Chamada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 - UNIVERSAL, com os professores indígenas da Região do Alto Rio Negro/AM. O projeto tem por objetivo: promover ações formativas entre os conhecimentos indígenas e não indígenas, quanto ao desenvolvimento de Práticas Investigativas em Educação Matemática mediadas pelo trabalho colaborativo frente aos desafios da educação escolar indígena na Região do Alto Rio Negro/AM. Durante estas ações formativas, atuo como professor formador junto aos povos Yanomami e Dãw.

Quer saber mais? Nos procure para trocarmos vivências e experiências Etnomatemáticas.

# Rogério Ferreira

Conexão Virtu@l Etnomatemática



 rogeriof@unb.br

 @croniquinha



<http://lattes.cnpq.br/7841869231824490>



RedINET-Brasil

EtnoMatemáticas  
Brasis

Minha trajetória acadêmica germina de uma mistura formada pelo desejo de conhecer as entrelinhas da matemática e de desvelar nexos/contradições guardados tanto nas tradições quanto nas relações interculturais. Sou professor desde 1989. Desde o início, aprendo com a oportunidade de estabelecer diálogo por meio de processos educacionais. Licenci-me em Matemática (1991) pela Universidade Federal de Goiás (UFG/Catalão-GO). Fiz mestrado (1995) em Matemática na UFG (Goiânia-GO). Doutorei-me (2005) em Educação na Universidade de São Paulo (USP), mesma instituição em que realizei pós-doutorado (2009). Os caminhos acadêmicos que trilho são marcados por inquietude proveniente de radical não admissão de exclusão de pessoas/conhecimentos. Muito cedo percebi que compreender a dimensão política é fator determinante para transformar a academia, fortemente marcada por eurocentrismo. Uma busca permanente ocorre desde 1998, quando me aproximei de realidades indígenas e quilombolas no território brasileiro. Essa aproximação dialógico-crítica potencializou a referida inquietude, gerando traços identitários que carregarei comigo por onde estiver. Não é mensurável, em marcos teóricos, o que aprendi com as relações construídas nestes espaços socioculturais violentados pelo colonialismo cristão europeu. O meu envolvimento com a etnomatemática inicia na década de 1990 como uma possibilidade de enfrentamento à cultura elitista envolta na formação de professores de matemática. A etnomatemática é ainda incipiente, carregando consigo muitas incongruências. Portanto, seu desenvolvimento necessita rigor crítico a fim de não fluir para o avesso das intenções primeiras elencadas pelo eterno educador Ubiratan D'Ambrosio, com quem, criticamente, muito aprendi. De 1993 a 2014 fui professor na UFG, parte em Catalão, parte em Goiânia. Neste período, desde sua implantação, trabalhei no curso de Educação Intercultural Indígena (2007 a 2014), quando formei, e coordenei por cinco anos, um grupo do Programa de Educação Tutorial (PET) na modalidade Conexões de Saberes. Entre 2015 e 2017 contribuí para a implantação da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), mais uma resposta ao meu desejo de construir uma universidade contra-colonizadora. Na UFSB, entre 2015 e 2017, fui decano do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências do Campus Sosígenes Costa (Porto Seguro-BA). Desde 2018, atuo na Universidade de Brasília (UnB), principalmente na Licenciatura em Educação do Campo, com estudantes provenientes de diferentes realidades campestres, em sua maioria do Quilombo Kalunga. Em 2021, assumi a Diretoria de Desenvolvimento e Integração Social (DDIS) do Decanato de Extensão (DEX) da UnB, espaço em que tive a oportunidade de liderar a implantação da Rede de Polos de Extensão (REPE) que conta hoje com Polos em três Regiões Administrativas do Distrito Federal (Paranoá, Recanto das Emas e Ceilândia) e em duas regiões do estado de Goiás (Quilombo Kalunga e Chapada dos Veadeiros). Para conhecer em maior detalhe minha produção acadêmica, acesse o [Lattes](#). Minha rotineira inquietude, transformada em pequenos textos, pode ser conhecida no perfil @croniquinha no Instagram. Bora Conversar?! E-mail

# Rosane Gonçalves Cruz (Oholipahkó)



 oholipahko.cruz@gmail.com



RedINET-Brasil



Olá prezados leitores, me chamo Rosane Gonçalves Cruz, nome indígena Oholipahkó (significa: deusa dos grafismos), sou indígena, do povo Piratapuya, natural do Distrito de Iauaretê (fronteira Brasil/Colômbia), uma das maiores comunidades indígenas dentro do território da Terra Indígena Alto Rio Negro, com uma população estimada em aproximadamente 3 mil habitantes. Encontra-se distribuída em uma área de 8 milhões de hectares e está localizada dentro dos limites do município de São Gabriel da Cachoeira, a 852 km de Manaus – Amazonas.

Possuo Licenciatura em Educação Escolar Indígena com ênfase na área de Ciências Exatas e Biológicas do curso Formação de Professores Indígenas (FPI) pela Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM); e atualmente sou mestranda em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/UFAM), tendo como orientador o Professor Dr. Gerson Ribeiro Bacury (UFAM).

No campo da pesquisa, atuo nas áreas da Educação Matemática, Educação Matemática em contextos de Diversidade Sociocultural, Etnomatemática e Formação de Professores(as) Indígenas que ensinam Matemática; bem como, faço parte do Grupo de Estudos e Pesquisas de Práticas Investigativas em Educação Matemática (GEPIMat)/UFAM/CNPQ; no qual participo das ações práticas e teóricas por meio das oficinas pedagógicas bem como na divulgação das nossas pesquisas e atividades em eventos locais, nacionais e internacionais. Destaco ainda, que sou a primeira indígena mulher egressa do Curso de Licenciatura de Formação de Professores Indígenas da UFAM/área de Exatas e Biológicas, a entrar no Programa de Pós-graduação do Curso de Mestrado em Educação, algo que considero uma grande conquista e responsabilidade.

Conheci a Etnomatemática durante o Curso de Formação de Professores Indígenas, na disciplina de Tópicos da Matemática, ministrada pelo Professor Dr. Gerson Ribeiro Bacury (UFAM) e pela Professora Dr<sup>a</sup> Elisângela Aparecida Pereira de Melo (UFNT), a partir da partilha dos conhecimentos e da aprendizagem decidi seguir um campo de pesquisa voltado para os saberes e fazeres das mulheres indígenas artesãs do Rio Negro, mostrar e ensinar por meio das suas práticas tradicionais as matemáticas presentes na construção dos samburás, da bolsa do Tucum e dos grafismos do Urutu, algo que foi motivo do meu Trabalho de Conclusão de Curso na graduação.

Atualmente, a proposta da Educação Escolar Indígena diferenciada busca por práticas educativas escolares que façam parte da vivência do estudante indígena, e a partir disso contribuir para o fortalecimento das práticas culturais dos povos indígenas do Rio Negro e demais povos, diante do contexto da globalização, garantindo seus direitos e contribuindo ao meio científico a partir dos seus conhecimentos tradicionais.

Quer trocar ideias e refletir sobre a Etnomatemática e conhecer um pouco do meu trabalho?  
Contate-nos.